

# **Ema Loja: aventuras, venturas e desventuras**

Mariana DELGADO, Lúgia GUILHERME, Joana SILVA, Vera VALENTE  
Universidade do Porto, FCDEF  
[joanareina@hotmail.com](mailto:joanareina@hotmail.com)

Resumo: Ema Loja consagrou-se Vice-Campeã Nacional em 1991 e Campeã Nacional em 1992, na modalidade de Ténis.

Ainda que ninguém seja dono do futuro, os títulos alcançados indiciavam que esta jovem seria uma “promessa” para o ténis nacional. No entanto, pouco tempo depois, encontra-se dependente de uma cadeira de rodas: depara-se com novas aprendizagens, com diversos obstáculos a ultrapassar, com outro estilo de vida e apercebe-se que “há mais Ténis para ser jogado”.

Este trabalho tem por base uma entrevista semi-estruturada, realizada em dois momentos temporais distintos (com três anos de intervalo), e propõe-se realçar a força de uma jovem mulher que luta diariamente por um direito à diferença, à não discriminação e a um lugar no mundo do desporto.

**Palavras-chave: Direito à diferença, desporto adaptado, ténis**

## **Introdução**

O papel da mulher na sociedade e no desporto está em mudança, sendo socialmente aceite que esta é lutadora, poderosa e agressiva em desportos de competição (Vincent e col., 2003).

Na actividade física adaptada apenas uma pequena percentagem de mulheres em relação aos homens contribuem para o desenvolvimento do conhecimento através de publicações (Buswell e col., 2000, cit. por Buswell, 2001), acrescentando Sherrill e O'Connor (1999) que uma percentagem ainda menor realiza mais que uma publicação durante toda a sua carreira. Na linha de investigação dos referidos autores pareceu-nos pertinente realizar um estudo que contribuísse para o aprofundar do conhecimento acerca de uma modalidade pouco divulgada em Portugal, concretamente no que respeita à sua vertente feminina. Considerámos então oportuno constatar o processo de evolução desta modalidade através do panorama apresentado pela primeira atleta portuguesa da modalidade.

O presente estudo tem como objectivos destacar a jovem mulher Ema Loja enquanto pessoa lutadora e atleta exemplar e constatar a evolução da modalidade de Ténis em cadeira de rodas, num intervalo temporal de três anos, sempre sobre a perspectiva da jogadora.

## **Metodologia**

### **Sujeito de estudo**

Ema Loja: jogadora de ténis em cadeira de rodas, nascida a 24 de Março de 1979, na cidade do Porto, paraplégica com origem na lesão medular ao nível das vértebras dorsais 5 e 6.

### **Procedimentos metodológicos**

Foi utilizada uma metodologia qualitativa com recurso a duas fontes:

- recolha documental de dados relativos ao currículo desportivo e biografia;
- realização de uma entrevista semi-estruturada (composta por perguntas abertas).

A entrevista foi aplicada em dois momentos temporais distintos (com três anos de intervalo), o que confere a este estudo um carácter longitudinal.

Os dados obtidos em cada entrevista foram, posteriormente, agrupados nas seguintes categorias:

Dados biográficos;

Ténis vs ténis em cadeira de rodas;

Obstáculos;

A vida em cadeira de rodas.

Relativamente à informação documental, e na medida em que a sua identificação era clara e inequívoca foi realizada a análise exploratória da mesma, sendo seriada e enquadrada a posteriori nas categorias definidas.

## **Resultados**

Neste capítulo, e para uma melhor leitura e compreensão dos resultados obtidos, optámos pela divisão do mesmo segundo as categorias definidas, contendo cada uma delas as informações relevantes e referentes aos dois momentos de análise.

O primeiro momento refere-se ao mês de Março do ano 2000 e o segundo ao mês de Outubro de 2003.

## **Dados biográficos**

Ema Loja nasceu a 24 de Março de 1979, na cidade do Porto. Aos 16 anos sofreu um acidente de viação que a tornou paraplégica (com origem na lesão medular ao nível das vértebras dorsais 5 e 6).

Hoje é atleta de Ténis em cadeira de rodas e aluna de Psicologia na Faculdade de Psicologia da Universidade do Porto. No entanto, tanto o seu percurso enquanto atleta, como enquanto estudante, não foi de todo linear.

Como atleta, passou de jogadora de Ténis para jogadora de Ténis em cadeira de rodas, por razões que nos parecem óbvias. Segundo a atleta, foi na dedicação a esta modalidade, tão semelhante e, simultaneamente, tão distinta da que praticava anteriormente ao acidente, que encontrou uma nova esperança de alcançar alguma satisfação e realização pessoal. No entanto, também no campo desportivo surgiram algumas dificuldades, nomeadamente por ser, na altura, a única atleta feminina ao nível nacional.

Relativamente à escolha de um curso superior, Ema começou por frequentar o curso de Medicina, na Faculdade de Medicina do Porto, o qual, ao fim de dois anos, pelo que frequenta actualmente. Segundo a própria, para além de o primeiro curso não ter ido ao encontro das suas expectativas, reduziu também o tempo que dedicava à prática do Ténis em cadeira de rodas.

Quanto ao curso que hoje frequenta e com o qual se identifica totalmente, refere ainda que o considera:

[... um curso mais relaxante, com aulas mais “leves” e professores que sabem bem qual o ritmo que as aulas devem ter para os alunos as aproveitarem bem ...]

Desta forma, pôde também dedicar-se novamente e de uma forma mais séria aos treinos.

Presentemente, frequenta o 5º e último ano do curso de Psicologia da Faculdade de Psicologia da Universidade do Porto.

Quanto à sua carreira desportiva, e por motivos de lesão crónica no pulso, deixou de poder treinar. Contudo, e no intuito de continuar ligada à modalidade, tirou um Curso que lhe permite exercer funções de técnica da modalidade.

## **Ténis vs. Ténis em Cadeira de Rodas**

O Ténis é para Ema uma paixão antiga, tendo sido a sua modalidade de eleição antes do acidente, e na qual se sagrou Campeã Nacional no escalão de Iniciados Femininos.

A prática de ténis em cadeira de rodas teve início em Dezembro de 1995., contudo foi apenas em 1999 que se sentiu capaz de encarar a modalidade de forma mais séria e dedicada.

Ao ser questionada acerca dos motivos que a levaram à prática da modalidade em questão, a nossa entrevistada fez então referência a um episódio fulcral para esta sua opção:

[...Fui a Lisboa assistir a uma exibição de ténis em cadeira de rodas (...) foi surpreendente. Havia atletas de alto nível, o que tornava tudo um espectáculo tão agradável, ao contrário do que estava à espera. A velocidade de jogo era bastante elevada e parecia tudo tão fácil, semelhante ao ténis normal! Pensei... só podem estar a jogar em cadeiras eléctricas super potentes!]

Outro dos motivos que fez com que Ema se sentisse motivada para a prática da modalidade teve a ver com a amizade que entretanto fez com uma ex-jogadora de Ténis em cadeira de rodas. Chantel, uma holandesa de 30 anos, que também sofreu um acidente que a deixou paraplégica (com o mesmo tipo e grau de lesão de Ema), numa altura em que era considerada uma "jovem promessa" do ténis na Holanda. Enquanto jogadora da modalidade adaptada, Chantel sagrou-se "N.º1 do Mundo".

Incentivada por Chantel, Ema participou num " Juniors Camp" (centro de treino para jovens), no qual a experiente amiga fez questão de a apresentar e de a introduzir no meio, para que o Ténis em cadeira de rodas começasse a proporcionar a Ema o mesmo prazer que lhe houvera proporcionado a si mesma.

Neste "Juniors Camp", Ema enfrentou uma realidade na qual nunca imaginou vir a integrar-se de forma tão directa:

[...Nunca imaginei vir a ver tanta gente em cadeira junta...nunca pensei que houvesse tanta gente nova em cadeira de rodas... Senti-me "normal"!

Na Holanda o ténis em cadeira de rodas está muito desenvolvido. Os miúdos começam a jogar desde muito cedo... Há jogadores de cinco anos de idade... Há mesmo muitos jogadores!"]

Talvez pela experiência que a levou a começar a jogar ténis em cadeira de rodas, Ema sente-se bastante realizada quando tem a oportunidade de fazer exposições.

[...Acho piada ao facto de as pessoas sentirem um pouco como eu me senti quando vi a primeira exibição da modalidade. (...) As pessoas estranham a nossa independência...acabam sempre por querer experimentar... e, muitas vezes, apercebem-se de que não é tão difícil como pode parecer...]

No primeiro momento de aplicação da nossa entrevista, Ema representava a totalidade da população de jogadoras portuguesas da modalidade, sendo que actualmente existe apenas mais uma jogadora. A razão mais relevante que a atleta nos indicou, como sendo a causa da quase inexistência de praticantes nesta modalidade em Portugal, encerra-se na falta de divulgação da mesma. Afirmou ainda que, apesar de tudo, este panorama se faz sentir um pouco por todo o mundo:

[...a nível mundial isto acaba por acontecer um pouco, por exemplo, nos últimos Jogos Paralímpicos, nunca consegui assistir a uma transmissão televisiva de um jogo de Ténis em cadeira de rodas...]

Outras das dificuldades encontradas inicialmente pela jogadora, no que respeita a prática da modalidade adaptada, estava relacionada com a sua movimentação em campo. Ema partilhou connosco esta sua experiência pronunciando-se da seguinte forma:

[...Foi complicado aprender a movimentar-me no coorte. Algumas movimentações que eu era obrigada a fazer pareciam não ter lógica...Nesta fase, foi mesmo importante e necessário falar com pessoas que já jogassem, para perceber algumas movimentações...Há movimentos que faço, por exemplo, para equilibrar a cadeira, nos quais tenho que ficar virada de costas para a rede e para o adversário! Isto nunca poderia acontecer no ténis normal...]

A nível táctico, e segundo a atleta, existem também várias diferenças entre as modalidades referidas que dificultaram a sua adaptação ao Ténis em cadeira de rodas:

[... O ténis em cadeira de rodas é mais táctico....os jogadores não são tão rápidos, portanto não jogam tanto com a força, mas sim com a táctica (...) é um jogo mais inteligente!]

No que respeita ao regulamento do ténis em cadeira de rodas, Ema realçou um aspecto importante. Segundo a mesma, os tenistas em cadeira de rodas são distribuídos por escalões competitivos, consoante o nível de jogo que apresentam e não pela capacidade funcional. Desta forma, Ema sente-se prejudicada, tendo em conta o tipo e grau de lesão que apresenta (lesão medular considerada “alta”, entre as vértebras D5 e D6), uma vez que não tem qualquer força abdominal e o encosto da sua cadeira tem de ser mais alto, limitando assim alguns dos seus movimentos:

[... Quando jogo, por exemplo contra um amputado, este à partida encontra-se em vantagem pois o tipo de lesão que apresenta permite-o ter mais movimento corporal, logo tem mais força muscular e conseqüentemente pode movimentar-se mais rapidamente na cadeira ...]

Se no primeiro momento de aplicação da nossa entrevista Ema sonhava com uma participação Paralímpica, e fazia desse o seu grande objectivo, hoje em dia considera que este sonho é impossível de realizar, pelo menos na condição de atleta, devido à lesão no pulso, que a impede de praticar a modalidade:

[...Nunca mais voltei a competir desde o aparecimento da lesão (há cerca de 4 anos). Sempre que inicio ou realizo essa actividade a sua lesão no pulso manifesta-se...]

No entanto, numa tentativa de continuar ligada à modalidade, Ema tirou um Curso que lhe permite exercer funções de técnica:

[...Particpei num curso de Treinadores de Ténis em cadeira de rodas que se realizou há 2 ou 3 anos no Lisboa Racket Center. No entanto não posso pensar em exercer essa actividade porque sempre que pego na raquete dói-me o pulso, logo não posso fazer demonstrações...]

Refere também a realização, durante este período de tempo, de dois torneios de Ténis em cadeira de rodas sendo um deles o Campeonato Nacional. A existência deste campeonato permite a qualificação para um ranking nacional, que apenas é consubstanciado na vertente masculina.

## **Obstáculos**

Ema analisa os obstáculos da sociedade de hoje, que também se caracteriza como desportiva, de uma forma bastante objectiva e concisa. À falta de adesão de pessoas deficientes à prática desportiva, Ema acusa desconhecimento por parte dos mesmos acerca das várias modalidades que podem praticar, nomeadamente o Ténis em cadeira de rodas. Concorda também que:

[...nem sempre têm condições para os praticarem. O Ténis em cadeira de rodas é um desporto muito dispendioso (...), os clubes não possuem grandes acessibilidades, para além de não existirem no nosso país treinadores qualificados. É difícil arranjar um treinador....especialmente um bom treinador. Inicialmente tentei arranjar um treinador (...) ninguém percebia nada...todos tinham medo de jogar comigo...nunca tinham visto ninguém a jogar...Enfim, era algo desconhecido...]

Analisando esta alegação da atleta torna-se possível compreender o porquê da iniciativa ao tirar o curso de treinadores, como referimos anteriormente, contribuindo assim para mais um passo no processo evolutivo da modalidade.

Quando iniciou a sua actividade competitiva deparou-se com algumas barreiras, as quais demonstraram ser incontornáveis. A título de exemplo refere:

[...A Federação Portuguesa de Ténis só me deu apoio para um torneio ... e pouco. Continuo a procurar patrocínios, mas não é fácil. Em Portugal, não é fácil optar por uma carreira de tenista como na Holanda. Portugal não organiza torneios de ténis em cadeira de rodas. Na Holanda, realizam-se torneios quase todas as semanas, o que torna muito mais fácil as suas atletas “pontuarem” a nível mundial, sem serem obrigadas a fazer grandes despesas...]

A variante de jogo de pares constitui um grande atractivo e desafio na sua carreira desportiva, como disse:

[...Gosto muito de jogar “pares”, só que em Portugal não existe outra atleta do sexo feminino. Neste jogo tem que haver um bom entendimento entre os

jogadores, para evitar possíveis choques. Uma vez joguei com uma jogadora espanhola num torneio na Holanda. Gostei da experiência e não me importava de a repetir. Basta saber se conseguirão reunir todas as condições necessárias para o fazer...]

## **A Vida em Cadeira de Rodas**

Ema caracteriza-se por um estilo de vida independente, apresentando-se como caso de excepção, deslocando-se através de viatura própria.

O discurso de Ema focou constantemente para a problemática das acessibilidades do nosso país, factor preponderante para o alcance da independência de pessoas em condição semelhante à dela. Tendo em conta todos os países que já visitou, não hesita afirmar que

[...Portugal é o pior país Europeu para se viver em cadeira de rodas. Dos países que conheço, a Holanda, é o melhor país europeu em termos de acessibilidades (...). Andamos um dia inteiro pela cidade de Amsterdão (com os seus dois amigos em cadeira de rodas) sem ter problemas com um único degrau, uma única vez!...].

Numa destas viagens à Holanda conheceu a já referida amiga importante para a sua adesão à prática da modalidade, tendo esta histórias de lesão e desportivo idênticos ao de Ema.

[...De certeza que se Chantel fosse amputada, nunca teria sido igual e ela nunca me teria dado tão bons conselhos. Por ser-mos tão parecidas é que nos tornamos tão amigas...]

No entanto, recorda com consternação a falta de sensibilidade ou por vezes de compreensão, por parte das pessoas em determinadas situações:

[...Uma vez, numa viagem tive de fazer escala num aeroporto e esperar algumas horas. Quando aterrei, a minha cadeira de rodas não estava disponível pois encontrava-se no avião e então arranjaram-me outra cadeira. A cadeira emprestada era muito pesada e não me sentia nada bem nela. É a mesma coisa que vocês saírem do avião e oferecerem-vos em troca dos vossos sapatos perdidos, uns sapatos terrivelmente maiores e largos...].

Esta atleta confessa que o facto de ter participado em torneios estrangeiros se revelou num passo importante no que se refere à sua perspectiva da modalidade e de tudo o que lhe está inerente.

[...Adoro o ambiente dos torneios (...) o meio, no ténis em cadeira de rodas, é muito pequeno... as pessoas conhecem-se todas. Para além disso, todas as pessoas tiveram acidentes ou sofreram um trauma qualquer, o que as torna mais "abertas". Houve uma mudança na vida destas pessoas ... a visão do mundo torna-se bastante diferente. No meu caso, eu nunca tinha convivido antes do meu acidente, com uma pessoa em cadeira...É mesmo outro mundo! É como ir a Marte e voltar. E, ainda por cima, temos que nos adaptar a este mundo da Terra...].

No que diz respeito às questões dos apoios financeiros no nosso país, a opinião de Ema é bastante clara:

[...Já são evidentes mais acções de divulgação, informação e colóquios, talvez por este ser o Ano Europeu da Pessoa com Deficiência. No que respeita a transportes públicos sei que já existem em muito maior número autocarros adaptados, mas não posso falar pois não utilizo, desloco-me sempre de carro. Comparativamente à Holanda, os Holandeses que tenham que viver em cadeira de rodas usufruem de apoios da Segurança Social, que em Portugal seriam considerados "um luxo". Lá, a Segurança Social oferece a cada jogador uma cadeira normal, de cinco em cinco anos e uma cadeira de desporto (uma boa cadeira!), de três em três anos. Há imensas clínicas e diversos meios de divulgação da modalidade...]

Como principais recomendações a jovem atleta refere:

[...os portugueses que vivem em cadeira de rodas necessitam, acima de tudo de apoios financeiros, mas também, de conviver e trocar informações com pessoas na

mesma condição. A troca de experiências ao níveis psicossocial e afectivo são muito importantes...]

## **Conclusões**

Relativamente ao processo evolutivo do Ténis em cadeira de rodas, podemos concluir que, na perspectiva de Ema, a modalidade não apresenta grandes indícios a este nível: existe apenas uma jogadora; realiza-se um Campeonato Nacional masculino; promove-se a formação de técnicos em Portugal.

Em relação ao percurso de Ema enquanto atleta denota-se uma atitude positiva face à modalidade, pese embora não lhe seja possível continuar a jogar, por motivos de lesão. Desta forma, e no intuito de continuar intimamente relacionada com o Ténis em cadeira de rodas, Ema adquiriu formação que lhe permite exercer funções de técnica da modalidade.

Ainda que lesada no que respeita à igualdade de direitos e oportunidades tanto ao nível pessoal como desportivo, tivemos a oportunidade de presenciar uma personalidade forte e lutadora.

## **Bibliografia**

BUSWELL, D., SHERRIL, C., FRENCH, R., MYERS, B. (2001): Perspectives on publication among highly productive women adapted physical activity scholars In *Adapted Physical Activity Quarterly*, 18 (4), pp.366-388.

SHERRIL, C., O'CONNOR, J (1999): Guidelines for improving adapted physical activity research In *Adapted Physical Activity Quarterly*, 16 (1), pp.1-8.

VINCENT, J., IMWOLD, C., JOHNSON, J. MASSEY, D. (2003): Newspaper coverage of female athletes competing in selected sports in the 1996 centennial Olympic Games: The more things change the more they stay the same In *Women in Sport & Physical Activity Journal*, 12 (1), pp.1-21.